

VIII Colóquio Internacional
A Educação pelas Imagens e suas Geografias
10º Encontro com Imagens e Filosofia
São João del-Rei, 2025

PENSAR COM AS IMAGENS –
MODOS OUTROS DE CRIAR E HABITAR MUNDOS

POÉTICAS VEGETAIS: TECER EDUCAÇÃO ENTRE IMAGENS, PALAVRAS E AFETOS

Rafael Caetano do Nascimento
Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)
racanascimento@gmail.com

Mariane Schmidt da Silva
Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)
marianessh@gmail.com

Resumo

O artigo resulta do encontro entre duas pesquisas de doutorado em andamento no Programa de Pós-Graduação em Educação da Unicamp, na linha Linguagem e Arte em Educação, vinculadas ao grupo Humor Aquoso/OLHO. As investigações buscam compor experimentações com palavras e imagens a partir do encontro com vegetais e outros não-humanos, operando entre arte, ciência e cosmologias indígenas. Trata-se de explorar micropolíticas inventivas em práticas educativas que, mais do que representar, propõem germinar mundos em multiplicidade. A pesquisa se desenvolve por meio de dois dispositivos. O primeiro, um encontro com bambuzais e seus aliados, que mobiliza uma poética sensível às linguagens vegetais e à escuta dos tempos e fluxos não-humanos. O segundo, uma oficina realizada em um colóquio de licenciaturas, na qual palavras, sons, cheiros e texturas foram mobilizados para ativar práticas coletivas de escrita, colagem e partilha, experimentando modos de sentir e narrar o mundo do *ponto de vida* das plantas. Esses encontros tensionam conceitos científicos e coloniais que separam e hierarquizam seres, favorecendo uma lógica de dominação dos corpos. Inspirados em autores como Deleuze, Guattari, Haraway, Rolnik, Coccia e Krenak, o texto afirma o devir e a multiplicidade como forças de criação e deslocamento de subjetividades. A aposta está em práticas que fissurem gramáticas normativas, produzindo rizomas e alianças simpoiéticas entre humanos e não-humanos. Assim, pensar educação com vegetais torna-se um exercício de invenção de mundos, de afirmação da diferença e de cultivo de modos de viver que germinam no entre dos encontros.

Palavras Chave: Imagem; escrita; multiplicidade; rizoma; experimentação.

As plantas podem nos contar suas histórias. Cabe a nós aprendermos a escutar.

(Robin Wall Kimmerer)

Introdução

O presente artigo nasce do encontro entre duas pesquisas de doutorado em andamento na educação que buscam experimentar com palavras e imagens o fluxo de vida criado no encontro com seres vegetais e outros não-humanos, de modo tal que se entremeiam artes, ciências e educação em alianças para acionar micropolíticas inventivas na composição de *vidas-com*. As duas pesquisas acontecem pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da

VIII Colóquio Internacional
A Educação pelas Imagens e suas Geografias
10º Encontro com Imagens e Filosofia
São João del-Rei, 2025

PENSAR COM AS IMAGENS –
MODOS OUTROS DE CRIAR E HABITAR MUNDOS

Faculdade de Educação da Unicamp, na linha de pesquisa Linguagem e Arte em Educação, no grupo Humor Aquoso, vinculado ao OLHO - Laboratório de Estudos Audiovisuais. Por quais imagens, palavras e linhas se desenharia uma poética vegetal? Como fazê-la emergir?

Operamos através das contaminações. Entre palavras e imagens, ciência, arte e cosmologias indígenas na tentativa de abrir espaços para experimentações; para coemergências; para que se manifeste algo que ainda não está lá, a ser tateado conforme se desdobra o encontro-acontecimento. Buscamos a abertura de canais de comunicação entre nós, vegetais e outros não-humanos. Canais usualmente viesados ou obstruídos por uma lógica neocolonial capitalística (Rolnik, 2018) de relação com os seres.

Aqui, fazemos isso através de procedimentos de (re)sensibilização dos corpos, que acabam por misturar palavras, imagens, cheiros, cantos e memórias. Entrelaçamos pensamentos, evocamos cosmologias e linguagens variantes, e nos lançamos ao encontro com vegetais, rios, ventos e gentes. A experimentação se adensa entre palavras e imagens com corpos que se colocam à espreita, à escuta dos espaços, tempos e vozes que ecoam silentes. Interessa-nos pensar e experimentar práticas com imagens e escritas que se desloquem, de algum modo, do conceito de representação que elas carregam para pensá-las como práticas de germinação e criação de mundos (Krenak, 2019). Imagem e escrita como ação entre seres. Os seres produzem imagens na gente, e inscrevem saberes em nossos corpos. Deslocam nosso jeito de encarar o mundo, abrem possibilidades para tecer uma educação em *multiplicidade*.

Para experimentar uma relação outra com os vegetais, e produzir com ela imagens e palavras, ou ainda, experimentar o que seria e que formas poderia tomar uma poética vegetal, compomos com dois dispositivos. O primeiro, um encontro entre dois corpos-pesquisadores, um corpo de água e um bambuzal. O segundo, suscitado pelo primeiro, um encontro com os vegetais, seus cheiros, sons e saberes, em uma oficina ministrada no II Colóquio de Licenciaturas do Instituto Federal (campus Inconfidentes/MG).

Questionar conceitos das ciências que (re)produzem a *separabilidade* dos seres na composição de modos de vida e que acabam por retificar a própria vida nos moldes de um poder: “o poder é precisamente o elemento informal que passa entre as formas do saber, ou por baixo delas” (Deleuze, 2018, p.126). O saber-poder branco e patriarcal apaga e avilta a potência ativa e afirmativa da diferença para que possa se sobrepor como modo de saber verdadeiro, normatizador e averiguador dos demais, agindo para o controle e a dominação de corpos. Assim, no desejo de provocar algum deslocamento desses lugares de produção do saber-poder no regime capital atual, e produzir outras políticas de composição com os seres - relações multiespécies -, perguntamos: o que podem encontros-vegetais mover a pensar/criar na experimentação com imagens e palavras como modo de fazer/habitar mundos com os seres humanos e não-humanos?

Desenvolvimento:

Dispositivo I – poética águas-vegetais, bambus.

Somos provocados, pelos convites de Coccia (2018), a conduzir o corpo-pensamento à perspectiva das plantas. Abrir os poros para ver além do visível e escutar os cantos sutis a emergirem do encontro entre os seres. “Imaginar tudo isso não é uma experiência de pensamento ociosa e excêntrica. É a condição de possibilidade de toda cosmologia especulativa” (Coccia, 2018, p. 4). Qual é a linguagem de um vegetal? Que marcas, rastros eles deixam no espaço cósmico? Que outros tempos eles dão a ver quando nos disponibilizamos a conversar com eles? Segundo Coccia (2018, p. 4), as plantas representam o *ponto de vida* “[...] privilegiado para compreender e descrever o mundo enquanto tal, e de modo mais geral, para apreender a relação entre vida e mundo”, isso porque são elas que produzem o mundo. Nos encontramos com bambus e suas vidas aliadas (água, vento, seres visíveis e invisíveis), e a partir desse encontro (dispositivo) e dos afetos que ali nos atravessam, tecemos o texto-imagem a seguir como uma língua para conversar com os bambus.



Figura 1: Imagem produzida com Dispositivo I (Arquivo Pessoal).

Aquietar-se. Sentar e permitir-se observar singelos movimentos. Ir desfazendo-se, despindo-se das interpretações, significados pré-estabelecidos. Sem intenções de determinar o sentido de algo que nos convida a compor junto. Abrir-se meio em meio à. Ouvir ao chamado das águas. É, também, a água que chama.

Corpos numa grande cidade resolvem atender ao desejo de algum contato com rios e mata. É preciso viajar alguns minutos para encontrar um corpo d'água e suprir a necessidade vital de colocar os pés em seu corpo fresco. E moribundo. O rio ali, já quase morto? Corpos de lixo, embalagens descartadas e restos de entulho se misturando aos pedregulhos. Olhando para baixo nos percebemos tentando distinguir o natural e o artificial sobre nossos pés que doíam ao pisar nessa superfície multiforme.

Uma limpidez resiste. Transparência que permite atravessar sua existência e sentir as vibrações de seus dizeres surdos. Algo corre entre os pés. Um fluxo deságua. O rio convida a ficar um pouco mais e o tempo se distende, abre passados-presentes-futuros, perfura nossos corpos e pousa sob nossas cabeças. Múltiplas existências anônimas. *O que é ficar por convite de um rio que morre?*

Atentar-se a seus reflexos. Imagens distorcidas, aquosas, sinuosas, dançantes. Não sabemos se foi imagem ou som, um reflexo alongado ou o estalar de colmos ecoando sobre as águas. Uma existência se estende, insistente, comungando com seres da terra ao céu. Se estende num corpo rijo e obstinado que, ainda assim, dança. Eles muitos, eles todos, tão altos e aglomerados, em uma aliança que parece indestrutível. São, de fato, aliados. Nascem e crescem juntos, testemunham a morte uns dos outros e, entre os seus, sustentam a vida que resiste, como se cada corpo que morre ainda vivesse em seus irmãos. Como se, na verdade, nunca se morresse.

Um corpo dentro de um corpo dentro de um corpo, como se fosse impossível distinguir onde termina um e o outro começa. Como se a própria noção de indivíduo se desfizesse ali, naquela associação íntima e grandiosa que habita a beira do rio. Sussurram entre si, na maioria das vezes em tom inaudível. Um som que percorre silenciosamente por entre as paredes cilíndricas, contando segredos do tempo. Às vezes, o vento se desloca com mais energia entre eles (o encontro entre duas existências poderosas) e, com sorte, podemos ouvir a conversa. O estalar grave do movimento. Forte, intenso. Uma voz que amedronta, porque fala em língua desconhecida. Uma sabedoria ainda incompreensível aos ouvidos de quem nunca aprendeu a ouvir os vegetais. Se incompreensível, talvez fresta para versar-*com* uma escuta do tempo.

O que leva um ser a florir e morrer logo em seguida? Uma entrega ao mundo, talvez. Uma ética da morte. Assim como só fala quando um vento lhe atravessa. Seres que versam com ventos suas folhas secas; imagem-tempo de chão brincante. Tempo esculpido pelo movimento das águas, que seguem milenarmente seu próprio fluir. Água-invento no bambu-tempo.



Figura 2: Imagem produzida com Dispositivo I (Arquivo Pessoal).

Somos o eco do oco no osso do tempo. O eco e o oco entremeados. Fibras vegetais tais e quais em som, que vibra. Flauta ancestral tingida de ar, fingida de ventos, soprada de tempos. E de tempos em tempos desvirmos nos lábios de quem ousa o sussurro dos ventos primevos. Sopram com a gente as montanhas longínquas. Nos escutam seres sem pressa no quintal do mundo. Margeamos as águas também porque elas cantam com a gente. Outros sons tapam os ouvidos de quem sempre vem aqui nos visitar. Somos seres que frestam porque assobiamos no entre, o som espiralado do vento e soprados no intervalo o eco do oco nos corpos esquecidos de vida.

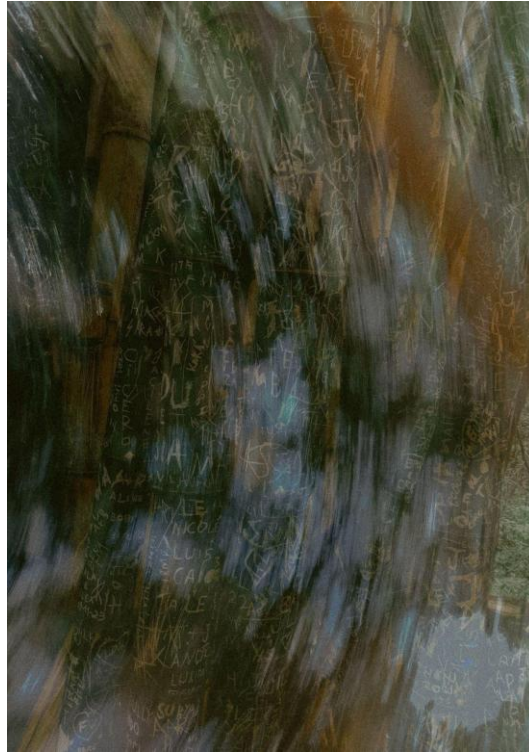


Figura 3: Imagem produzida com Dispositivo I (Arquivo Pessoal).

A água ri com a gente. Resistimos vegetalmente o dia-a-dia do despejo. Resistimos sendo ocos. Resistimos desde nossos vazios que cantam quando ventos. Nem um e nem muitos... in-ventamos com corpos variados outros modos de também fazer soprar ventos outros. Sopro a tilintar, brinco a folha que cai. Ela gira comigo que canto o seu cair. Rir até chegar ao som de chão. Encontro de folha no espelho d'água vibra o eco esquecido a lembrar-se peixe. Sigo escama, que brilha. Eco sol subterrâneo das águas. Canto de sereia doce. Se peixe morro no rio de esgoto, renasço na memória cardíaca que pulsa e lembra do agora sempre cantado de esquecido do oco sempre vivo. Oco no eco tempo, vibro de íris a íris a linha dançante que sopra os corpos em mistura constante.

Dispositivo II – oficina “Poéticas Vegetais: tecer educações entre imagens, palavras e afetos”¹

Dispondo, no chão de uma sala de aula, um chão de folhas, ervas e utensílios para escritas, colagens e costuras. Ativar cheiros, memórias e texturas: sensibilidades em encontro. A música² ao fundo recebe quem chega. Presença feita, uma conversa abre perguntas moventes: *como experimentar o mundo do ponto de vida das plantas?* Em seguida, um convite a acordar corpo e ativar presenças sensíveis: esticar-se, tatear-se, sentir-se, respirar. Com olhos fechados. Outro convite se estende ao primeiro: sentar-se ao chão. Seguimos com a proposta, outra pergunta: *que mundo se experimenta do ponto de vida das plantas?*

As músicas seguem e, enquanto elas povoam a sala, lemos trechos diversos de literaturas acadêmicas, poéticas, vegetais. Palavras e sons se misturam aos cheiros e texturas das plantas que oferecemos a seus corpos. Com olhos fechados. “Imaginemo-nos sem olhos. Ao redor, nem cores, nem formas. [...] um corpo único, com diferentes graus de penetrabilidade.” (Coccia, 2018, p.3). Entre textos, sons e cheiros, perguntas: *quais plantas atravessam seu caminho? Que histórias elas te contam? Como as plantas verdejam suas memórias?* Aos poucos o som cessa e as palavras são deixadas de lado. Silêncio. Outro convite, dessa vez, para abrir os olhos e deixar a experiência ficar, criar com ela. Experimentar colagens, recortes, montagens, sobreposições com folhas, ervas, sementes e imagens de revistas diversas. A pergunta final: *que imagens-textos produz um corpo vegetal?*

Para encerrar, abre-se um momento de partilha das criações e dos processos que cada pessoa atravessa. Nós, proponentes, também, pois criamos junto. Pelas palavras de uma e outra, as pessoas vão comentando e alargando o sensível pela escuta. Nós, que ministramos a oficina, sustentamos duas funções: (1) avivar a conversa com perguntas, comentários que instiguem um palavrão do encontro; (2) a de comer as palavras ditas e transmutá-las em texto a ser partilhado ao final: ativação do corpo-escritório (BRAGA, 2024). Um texto-variação, uma imagem-pensamento-experimentação das múltiplas vozes da oficina, que aqui se apresenta:

“O cheiro mais presente, o do alecrim. Uma terapêutica pro dia-a-dia. Alecrim que lembra minha mãe, os banhos que ela me dava. Uma imagem de floresta nascendo. Em mim? Saudades de casa. Vejo tomates. Como é isso de poéticas vegetais? Um ponto de vida que me toca. Fechar os olhos... plantas caminham comigo. Memórias de chá, de temperos. Religião? Não, eu acredito é nas plantas. Olhar de criança, um olhar de planta. Fechar olhos e ver um mundo das plantas. Benzida com arruda. Um preto velho, uma arruda. Benzida por um preto

¹ Oficina ministrada no Instituto Federal do Sul de Minas Gerais (IF Sul de Minas – campus Inconfidentes) durante o “II Colóquio das Licenciaturas do campus Inconfidentes e II Semana Acadêmica do curso de Licenciatura em Pedagogia”, no dia 19/02/2025, com carga horária total de 2h.

² Link para playlist tocada durante a oficina:

<https://open.spotify.com/playlist/22G4agEZho81qNoo9uHXuY?si=EJca857PT7uNoeOsIbWHUA>

VIII Colóquio Internacional
A Educação pelas Imagens e suas Geografias
10º Encontro com Imagens e Filosofia
São João del-Rei, 2025

PENSAR COM AS IMAGENS –
MODOS OUTROS DE CRIAR E HABITAR MUNDOS

velho com um ramo de arruda. Plantas que desenham o que a gente sente. Fechar os olhos e ir pra casa. Visitar a avó, viva na memória. O avô e o chá. Eu não sei, mas faço, porque daí algo se cria durante. Acreditar no encontro com o mundo, com o desconhecido. Estar presente, relaxar. Em cima de um morro, o vento que lembra e leva. Uma árvore e um cipó, que te leva e guia. A saída. Lembrança da planta com a avó, da planta com a tia. Planta-memória que cria, vive. Uma planta que lembra, leva e traz: hortênsias. Uma e outra para ser um e outro em si. O caos e a ordem, na ordem do caos em desordem. E experimentar com vocês um texto, uma palavra, uma atenção. ‘Quantos seres habitam um vegetal?’, ‘Quantos seres estão conosco?’. Uma viagem, o encontro. O encontro entre seres.”

VIII Colóquio Internacional
A Educação pelas Imagens e suas Geografias
10º Encontro com Imagens e Filosofia
São João del-Rei, 2025

PENSAR COM AS IMAGENS –
MODOS OUTROS DE CRIAR E HABITAR MUNDOS

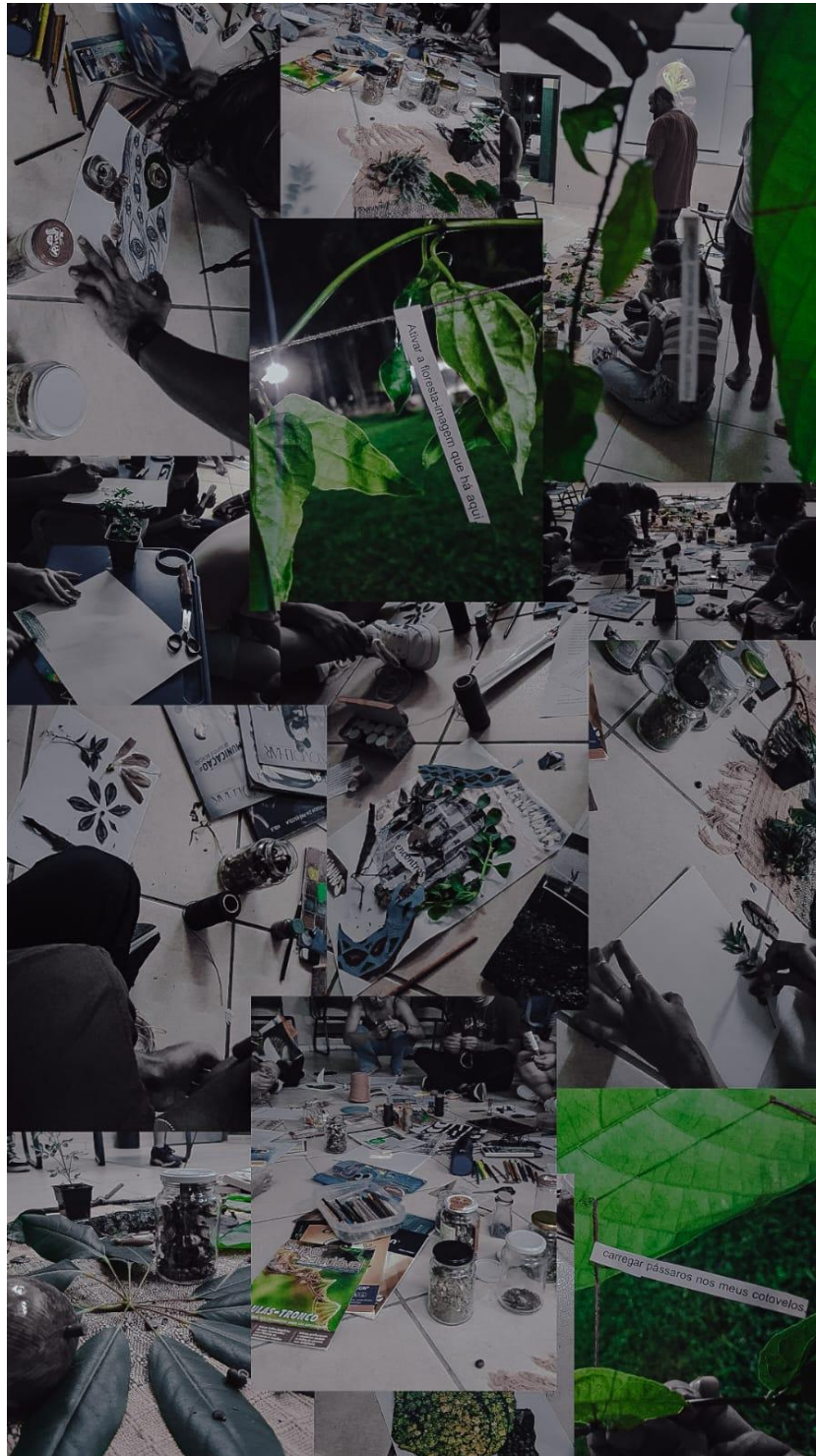


Figura 4: Imagem produzida com o Dispositivo II (Arquivo Pessoal).

VIII Colóquio Internacional
A Educação pelas Imagens e suas Geografias
10º Encontro com Imagens e Filosofia
São João del-Rei, 2025

PENSAR COM AS IMAGENS –
MODOS OUTROS DE CRIAR E HABITAR MUNDOS

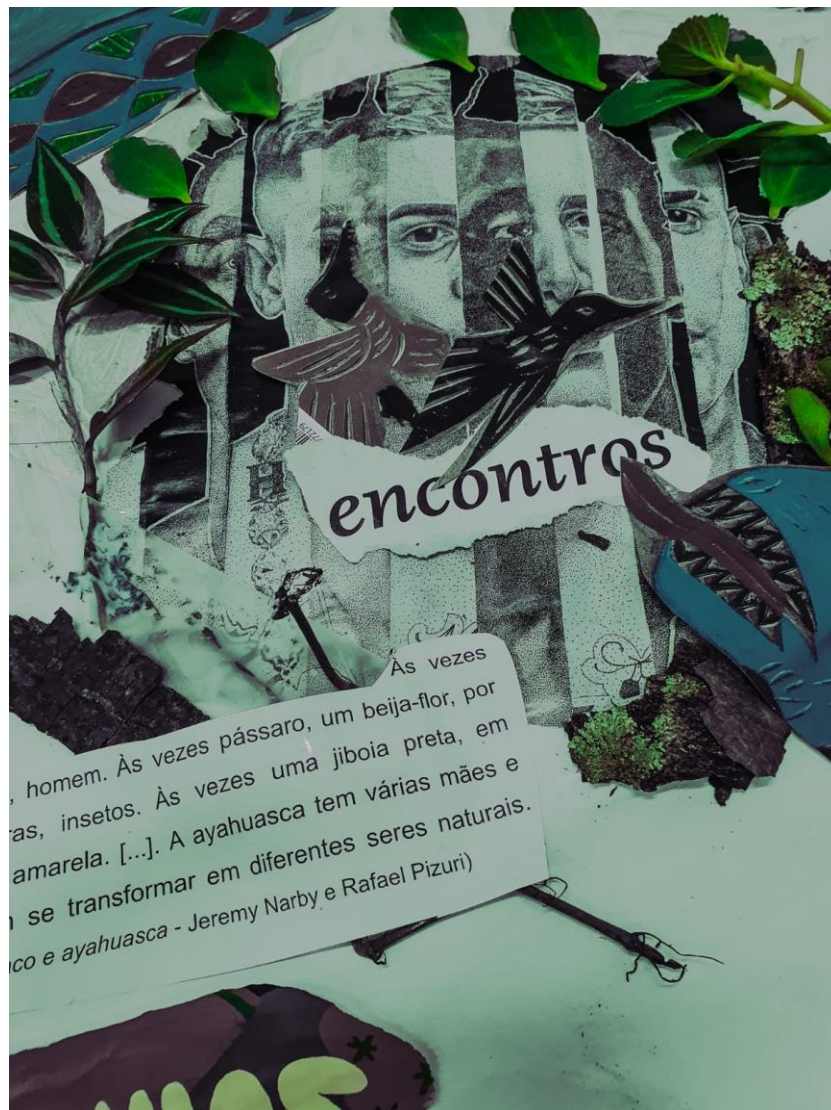


Figura 5: Imagem produzida com o Dispositivo II (Arquivo Pessoal).

Conclusão

Tatear reatividades presente na fábrica de mundos do regime colonial-racializante-capitalístico: “em sua nova versão é a própria pulsão de criação individual e coletiva de novas formas de existência, suas funções, seus códigos e suas representações que o capital explora, fazendo dela seu motor” (Rolnik, 2018, p.33). Ao mesmo tempo, esburacá-lo com fissuras a reflorestar territórios nas relações entre humanos e não-humanos (Rolnik, 2022). Ser bicho geográfico a riscar a epiderme capital com políticas simpoiéticas (Haraway, 2016).

Apropriar-se de processos inventivos na e pela linguagem, afirmar processos de singularização no encontro com a diferença que sejam linhas de fuga à captura dos processos de subjetivação engendrados pelos valores capitalísticos. Segundo Rolnik (2018, p.37): “Há que se buscar vias de acesso à potência da criação em nós mesmos [...]. Um trabalho de experimentação sobre si que demanda uma atenção constante”. Experimentar em encontros com a diferença, ser contagiado, atentar-se às reverberações no corpo e seguir por suas linhas a criar outros modos de pensar, estar, narrar e sentir. Se deixar levar pelas sensações que um encontro – vegetal – provoca. Deixar-se duvidar de conceitos que capturam as linhas de produção de mundos para abrir-se a conceitos-vida em processo.

Aqui, *encontro* é convite para experimentações e metamorfoses, afirmar existências em processo de criação e diferenciação; uma arte de viver a qual tem seus *acontecimentos* pela superfície da linguagem, fissurando-a e escapando dela mesma, de suas gramáticas normativas para, então, criações menores. Revoluções moleculares que deslocam e encarnam outros modos de pensar, compor e viver o real (Rolnik, 2016; 2018). Devires são moleculares.

O criar e recriar dos mundos se dá pelo que acontece ali nas *passagens entre*, nas forças que movem e agenciam intensidades múltiplas em contágio quando se está *meio*. Esses agenciamentos não se tratam de filiações entre funções mais ou menos próximas nem correspondências de relações, semelhanças, imitações ou identificações entre as partes e as formas das coisas. Eles comportam componentes heterogêneos que tratam de liberar as linhas (forças) dos pontos (formas) até torná-los indiscerníveis de modo a fazer vibrar e mover as múltiplas potencialidades do vivo, as quais não param de se transformar umas nas outras. A tal ponto, “o devir e a multiplicidade são uma só e mesma coisa” (Deleuze; Guattari, 2012, p. 34).

Multiplicidades nos arrastam a pensar educações com vidas que não param de nascer, nos lançam a experimentar processos de germinação, implicando-nos em transformações que renovam o viver. Afirmar o acontecimento é querer encarnar aquilo que ele traz, as transformações que a vida pede. É, como nos diz Deleuze (2015, p.152): “tornar-se digno daquilo que nos ocorre, por conseguinte, querer e capturar o acontecimento, tornar-se o filho de seus próprios acontecimentos e por aí renascer”.

Fazer rizoma com vegetais, agenciamentos, produzir com eles, compor corpos-escrita, corpos-imagem, corpos simpoiéticos numa língua com os vegetais. Linhas de força que carregam potências de afetar e de serem afetadas, partículas-forças produzindo passagens entre, conexões para devires outros regidos por uma lógica não linear, de modo que deslocam, e por vezes desterritorializam, práticas com palavras e imagens de seus lugares já tão conhecidos (escolares e sistemáticos). Produzem rizomas em encontros pelo caminho: “Faça rizoma, mas você não sabe com o que você pode fazer rizoma, que haste subterrânea irá fazer efetivamente rizoma, ou fazer devir, fazer populações no seu deserto. Experimente.” (Deleuze; Guattari, 2012, p.36).

Referências

VIII Colóquio Internacional
A Educação pelas Imagens e suas Geografias
10º Encontro com Imagens e Filosofia
São João del-Rei, 2025

PENSAR COM AS IMAGENS –
MODOS OUTROS DE CRIAR E HABITAR MUNDOS

BRAGA, Jonathan Taveira. **Escritofagias**: procedimentos para uma escrita-artista-docente. 2024, 230 f. Tese (Doutorado em Artes Visuais) – Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2024.

COCCIA, Emanuele. **A virada vegetal**. São Paulo: n-1 edições, 2018.

DELEUZE, Gilles. **A lógica do sentido**. 5ªed. São Paulo: Perspectiva, 2015.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia 2, vol. 4. 2ªed. São Paulo: Editora 34, 2012.

HARAWAY, Donna. *Staying with the Trouble: Making Kin in the Chthulucene*. Durham: Duke University Press, 2016.

KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental**: transformações contemporâneas do desejo. 2ª ed. Porto Alegre: Sulina, Editora da UFRGS, 2016.

ROLNIK, Suely. **Esferas da insurreição**: notas para uma vida não cafetinada. São Paulo: n-1 edições, 2018.

ROLNIK, Suely. *Las arañas, los guaraníes y algunos europeos: otros apuntes para descolonizar el inconsciente*. In: **Revista F-ILIA**, Nº 5, Guayaquil, Ecuador, abril, 2022.